

êste sujeito sujo não é orador, certamente, mas tal como o está vendo, êle ainda há de ser o homem mais célebre da Inglaterra!"

O demônio da angústia causada pelos remorsos transforma no maior estrategista, no maior estadista do seu tempo, aquele fidalgo provinciano de quem ninguém faz caso, que, até aos cincoenta anos cultivara seus campos, levava seus rebanhos ao pasto, fabricara sua cerveja; em cuja vida a feira do gado constituíra o acontecimento mais importante, e a quem, no comêço de sua carreira, parece faltar experiência, educação e talento. Tira exércitos do nada, leva-os de vitória em vitória, submete três reinos, transforma-os numa entidade política sem precedentes e assenta os alicerces do futuro império mundial britânico.

Tôda a disciplina e todo o gênio da sociedade puritana se incarnam na sua figura rígida como uma armadura. A época parece ter encontrado seu legítimo retrato na dureza daquela face maciça, corada, de nariz grosso, cheio de verrugas, de fronte quadrada e enérgica, de boca firme, e no olhar frio como aço daqueles olhos azues-cinzentos.

"Il me fait peur" — dissera o rei da Dinamarca, um dia, em Cambridge, diante do retrato do grande Protetor, executado por Cooper. O poeta Andrew Marvell por sua vez, celebrou Cromwell como o instrumento vingador do Céu irritado contra a humanidade pecadora. Em compensação, em Amsterdam, à chegada da notícia da morte de Cromwell, o povo dansou nas ruas e gritou com júbilo: "O diabo morreu!"

Aqueles prégadores e prosélitos que fundaram e governaram estados puritanos nas florestas e nos pampas da América, não foram menos sóbrios nem menos taciturnos do que os seus grandes modelos. Não são suas disposições, sua conduta, seu modo de pensar e de falar que os diferenciam dos seus grandes mestres europeus, e sim, unicamente, sua menor significação sob o ponto de vista da história universal.

Ao passo que a ação reformadora dos puritanos ingleses, engendrada pelo Mêdo, esbarra contra uma sociedade amadurecida há séculos, vivendo alegremente e sem preocupações e provida de instituições e de costumes, há muito enraizados, aqueles colonizadores puritanos que desbravam o solo para seu estado tabú e que instalam seu reino no deserto duma natureza virgem, não têm de lutar contra uso tradicional algum. Não sendo embaraçados por constituições ou tradições já existentes, isentos da necessidade de impor suas convicções a um mundo já organizado, despreocupado e mais emancipado do mêdo, êles podem, sem embaraço algum, tornar os mandamentos tabús de sua crença o único código do território. E' por êste motivo também que a América puritana fornece o espécime mais puro das formas sociais produzidas por uma civilização moderna sob a influência do pesadelo primitivo.

Não são apenas os chefes do calvinismo que representam um tipo humano homogêneo, distinto. O Mêdo eterno imprime também aos súbditos o cunho duma aparência coletiva característica. A alma dêssea

cidadãos puritanos que vive no constante temor do inferno, e reprime ansiosamente o menor impulso dos apetites naturais, não tarda em emprestar a todo o seu comportamento, a seus gestos, a seu modo de andar e até à sua voz e à sua linguagem, uma individualidade típica incontestável.

O puritano anda solene e comedido, a fisionomia sempre avinagrada e os olhos baixados para o chão. Pronuncia em tom fanhoso discursos cheios de unção e entremeados de citações bíblicas. Cada uma de suas manifestações vitais é inexpressiva, desataviada e parcimoniosa.

"Há neste país, como em todos os outros, uma mistura de vícios e de virtudes" — escreve um viajante francês que visita os estados puritanos da América por volta do século XVIII, e prossegue: "mas as virtudes parecem aqui menos atraentes do que em qualquer outra parte, pois raramente vêm acompanhadas daquela amenidade que as torna amáveis. Entretanto, os vícios são aqui mais feios, pois não se conhece a arte de escondê-los sob uma aparência enganadora."

* * *

O ambiente sombrio e a vida dêsses homens parecem produtos dum penoso pesadelo. Pois naquele ambiente, naquele meio, a angústia viva e ininterrupta do pecado se concretiza em severas proibições policiais e o sentimento íntimo da culpa e a necessidade da punição se transformam no sistema jurídico e penal duma ditadura teocrática.

Até que ponto todos êsses estados do Mêdo correspondem a uma profunda necessidade psíquica se evidencia claramente pelo fato de os cidadãos daquelas comunidades se submeterem livremente ao regime de terror imposto por seus ditadores espirituais, pois tal sistema, de tão cruel severidade, lhes parecia indispensável e imprescindível para proteger contra a transgressão dos tabús o indivíduo fraco, quando isolado, e salvá-lo da danação eterna.

Se as proibições, naqueles Estados, visam, antes de mais nada, tôda e qualquer manifestação dos instintos, da sensualidade, das forças embriagadoras e dionisiacas, corresponde isto a um sentimento primitivo da alma humana que, em todos os tempos torna sempre a manifestar-se, sob múltiplas formas como "mêdo dos instintos naturais", e que Shakespeare sintetiza quando diz que o prazer sensual é "a imersão do espírito num oceano de vergonha."

Já os povos primitivos cercam cuidadosamente o instinto natural dum matagal de proibições tabús, restrições, cerimônias e compromissos e, em todos os mitos primitivos, as figuras demoníacas que servem de expressão ao Mêdo são dotadas dos símbolos aparentes e indubitáveis da sexualidade.

Mesmo nas civilizações mais adiantadas, opera-se, entre os homens que fogem aos perigos dos instintos animais, uma contínua busca da so-